Victor Hugo

Noventa e três

Tradução
Mauro Pinheiro

Estação Liberdade

Título original: *Quatrevingt-treize*
© Editora Estação Liberdade, 2023, para esta tradução

Preparação Silvia Massimini Felix
Revisão Fábio Fujita
Assistência editorial Gabriel Joppert e Luis Campagnoli
Ilustração de capa Natanael Longo de Oliveira
Supervisão editorial Letícia Howes
Edição de arte Miguel Simon
Editor Angel Bojadsen

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H889n

Hugo, Victor, 1802-1885
Noventa e três / Victor Hugo ; tradução Mauro Pinheiro. - 1. ed. - São Paulo : Estação Liberdade, 2023.
416 p. ; 21 cm.

Tradução de: Quatrevingt-treize
ISBN 978-85-7448-291-0

1. Romance francês. I. Pinheiro, Mauro. II. Título.

23-85930

CDD: 843
CDU: 82-31(44)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643
31/08/2023 08/09/2023

Todos os direitos reservados à Editora Estação Liberdade. Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Editora Estação Liberdade Ltda.
Rua Dona Elisa, 116 | Barra Funda
01155-030 São Paulo – SP | Tel.: (11) 3660 3180
www.estacaoliberdade.com.br

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE — **AO MAR** 9

Livro Primeiro
O bosque de la Saudraie 11

Livro Segundo
A corveta Claymore 25

Livro Terceiro
Halmalo 63

Livro Quarto
Tellmarch 79

SEGUNDA PARTE — **EM PARIS** 107

Livro Primeiro
Cimourdain 109

Livro Segundo
O cabaré da rua do Paon 127

Livro Terceiro
A Convenção 155

TERCEIRA PARTE — **NA VENDEIA** 187

Livro Primeiro
A Vendeia 189

Livro Segundo
As três crianças 209

Livro Terceiro
O massacre de São Bartolomeu 277

Livro quarto
A mãe 293

Livro Quinto
In Dæmone Deus 345

Livro Sexto
A batalha depois da vitória 361

Livro Sétimo
Feudalidade e Revolução 379

PRIMEIRA PARTE

AO MAR

LIVRO PRIMEIRO
O bosque de la Saudraie

Nos últimos dias de maio de 1793, um dos batalhões parisienses trazidos à Bretanha pelo general Santerre vasculhava o temível bosque de la Saudraie, em Astillé. Não eram mais que trezentos homens, pois o batalhão fora dizimado pela rude guerra. Nessa época, depois das batalhas de Argonne, Jemmapes e Valmy, restavam do primeiro batalhão de Paris, originalmente formado por seiscentos voluntários, 27 soldados; do segundo, 33; e do terceiro, 57. Um período de batalhas épicas.

Os batalhões enviados de Paris à Vendeia contavam com 912 homens. Cada batalhão tinha três peças de canhão, que foram imediatamente preparadas para o combate. No dia 25 de abril, com Gohier no ministério da Justiça e Bouchotte no ministério da Guerra, a seção do Bon-Conseil propôs o deslocamento de batalhões de voluntários para a Vendeia; o membro da Comuna de Lubin preparara o relatório; no dia 1º de maio, a região de Santerre estava pronta para mobilizar doze mil soldados, trinta peças de artilharia leve e um batalhão de canhoneiros. Esses batalhões, formados às pressas, foram tão bem preparados que servem, ainda hoje, como modelos; é com base em sua composição que se formam as companhias de combate; eles alteraram a antiga proporção entre o número de soldados e o número de suboficiais.

Em 28 de abril, a Comuna de Paris havia dado aos voluntários de Santerre a seguinte instrução: *Sem misericórdia nem piedade*. Ao final de maio, dos doze mil que partiram de Paris, oito mil estavam mortos.

O batalhão que investiu contra o bosque de la Saudraie manteve-se em alerta. Não havia pressa alguma. Observava-se à direita e

à esquerda, à frente e atrás de si; Kléber disse: "O soldado tem um olho nas costas." Marchavam já fazia um bom tempo. Que horas poderiam ser? Em que momento do dia estavam? Teria sido difícil saber, pois há sempre uma espécie de entardecer nessas matas selvagens, e a claridade é inexistente nesse bosque.

A tragédia pairava sobre o bosque de la Saudraie. Foi nesse matagal que, a partir do mês de novembro de 1792, a guerra civil começou a cometer seus crimes; Mousqueton, o coxo feroz, emergiu dessas profundezas sombrias, e a quantidade de assassinatos ocorridos ali era de arrepiar os cabelos. Não havia local mais medonho. Os soldados se embrenhavam com precaução. Havia flores em todos os cantos; envolvia-os uma muralha trêmula de galhos dos quais caía o frescor fascinante das folhas; raios de sol perfuravam aqui e ali as trevas verdejantes; ao solo, gladíolos, lírios, narcisos, giestas — essa florzinha que anuncia os belos dias — e o açafrão primaveril bordejavam e adornavam um denso tapete de vegetação onde formigavam todas as formas de musgo, desde aquela semelhante a uma lagarta até aquela que parece uma estrela. Os soldados avançavam passo a passo, em silêncio, abrindo caminho no mato. Os pássaros gorjeavam por cima das baionetas.

La Saudraie era um desses bosques onde outrora, em tempos pacíficos, praticava-se a *Houiche-ba*, que é a caça noturna aos pássaros; agora, ali se caçavam os homens.

O matagal de bétulas, faias e carvalhos, a superfície plana; o musgo e a grama espessa amorteciam o ruído dos homens marchando; não havia atalho algum, exceto aqueles que logo se perdiam; azevinhos, ameixeiras-bravas, fetos, cercas vivas, sarças; era impossível enxergar um homem a dez passos.

Às vezes, passava uma garça-real ou um mergulhão, indicando a proximidade do pântano.

E a marcha prosseguia em meio ao risco, inquieta e temendo encontrar o que se buscava.

De vez em quando, descobriam vestígios de acampamentos, o solo queimado, o mato pisado, varas cruzadas, galhos ensanguentados.

Em um local, haviam feito sopa; em outros, rezado uma missa ou tratado dos feridos. Mas aqueles que tinham passado por ali haviam desaparecido. Onde estariam eles? Talvez bem longe. Talvez ali mesmo, bem perto, escondidos, empunhando seus bacamartes. O bosque parecia deserto. O batalhão redobrava sua prudência. Aquela solidão inspirava a desconfiança. Não se via vivalma; uma razão a mais para temer a aparição de alguém. Tratava-se de uma floresta com péssima reputação.

Uma emboscada era sempre provável.

Trinta granadeiros, enviados como batedores e comandados por um sargento, marchavam à frente, a uma boa distância do resto da tropa. A vivandeira do batalhão os acompanhava. Essas comerciantes de víveres não temiam acompanhar as linhas de frente. Corria-se perigo, mas podiam ao menos ver o que estava acontecendo. A curiosidade é uma forma de bravura feminina.

Bruscamente, esses soldados da pequena tropa da linha de frente sentiram o sobressalto que os caçadores conhecem, sinal de que estão se aproximando do covil; ouviram algo como um sopro no meio da mata cerrada, suspeitaram de um movimento das folhas. Os soldados acenaram uns para os outros.

Naquela espécie de ronda e busca confiada aos batedores, os oficiais não precisam se envolver; o que deve ser feito, faz-se por si mesmo.

Em menos de um minuto, o local onde detectaram movimento foi cercado; os fuzis foram apontados, mirando o centro obscuro da mata de todos os lados ao mesmo tempo, e os soldados, com os dedos no gatilho, o olhar fixo na área suspeita, só esperavam as ordens do sargento para disparar.

Enquanto isso, a vivandeira se arriscara a observar através das moitas e, no instante em que o sargento ia gritar "Fogo!", a mulher berrou:

— Parem! — E, virando-se para os soldados, disse-lhes: — Não atirem, camaradas!

E ela se precipitou mata adentro. Eles a seguiram.

Havia de fato alguma coisa ali.

Na parte mais densa do arbusto, à beira de uma destas clareiras circulares que servem no bosque como forno de carvão, no qual se queimam as raízes das árvores, em uma espécie de abrigo de folhagens, entreaberto como uma alcova, uma mulher se encontrava sentada sobre o musgo, com uma criança ao peito que mamava e, sobre seu colo, as cabeças louras de duas outras crianças adormecidas.

Ali estava a emboscada.

— O que está fazendo aí? — perguntou a vivandeira.

A mulher ergueu a cabeça.

A vivandeira acrescentou, irritada:

— A senhora é louca de se esconder aí!

E prosseguiu:

— Por pouco não dispararam! — E, dirigindo-se aos soldados, avisou: — É uma mulher.

— É claro, isso podemos ver! — disse um granadeiro.

A vivandeira continuou:

— Vir se esconder no bosque para ser massacrada! Como é possível fazer uma besteira dessas?

Atônita, assustada, petrificada, a mulher olhava ao seu redor, como se através de um sonho, com todos aqueles fuzis, sabres, baionetas e semblantes cruéis.

As duas crianças acordaram e começaram a berrar.

— Estou com fome — disse uma.

— Estou com medo — disse a outra.

A menor continuava mamando.

A vivandeira voltou a se dirigir à mulher.

— É a senhora que tem razão — disse-lhe.

A mãe estava muda de pavor.

O sargento gritou para ela:

— Não tenha medo, somos o batalhão dos Boinas Vermelhas.

A mulher tremeu da cabeça aos pés. Ela olhou para o sargento, um rosto rude em que se viam apenas as sobrancelhas, o bigode e as duas brasas que eram seus olhos.

— O batalhão da antiga Cruz Vermelha — acrescentou a vivandeira.

E o sargento tomou a palavra:

— E a senhora, quem é?

A mulher o observava, aterrorizada. Ela era jovem e magra, estava pálida, esfarrapada, trajava um grande capuz de camponesa bretã e uma manta de lã presa ao pescoço por um cordão. Com uma indiferença de fêmea, ela deixara pendendo seu seio nu. Seus pés, sem meias ou calçados, sangravam.

— É uma pobre coitada — disse o sargento.

E a vivandeira perguntou com sua voz soldadesca e feminina, em um tom suave:

— Qual é seu nome?

A mulher murmurou com um gaguejar quase indistinto:

— Michelle Fléchard.

Enquanto isso, a vivandeira acariciava com sua mão grossa a cabecinha do bebê.

— Que idade tem esse infante? — perguntou.

A mãe não entendeu. A vivandeira insistiu.

— Estou perguntando qual é a idade dele.

— Ah — exclamou a mãe —, dezoito meses.

— Já está bem grande — disse a vivandeira. — Você não devia mais lhe dar o peito. Já é tempo de desmamar. Nós vamos lhe dar uma sopa.

A mãe começava a se acalmar. Os dois pequenos, que tinham despertado, se mostravam mais curiosos que assustados. Eles admiravam os penachos dos soldados.

— Ah — disse a mãe —, eles estão mortos de fome.

E acrescentou:

— Eu não tenho mais leite.

— Vamos lhes dar comida — bradou o sargento. — E à senhora também. Mas isso não é tudo. Quais são suas opiniões políticas?

A mulher olhou para o sargento, mas não respondeu.

— Ouviu minha pergunta?

Ela começou a balbuciar:

— Fui levada ao convento quando era muito jovem, mas me casei… não sou religiosa. As irmãs me ensinaram a falar francês. Incendiaram a aldeia. Nós fugimos tão rápido que não tive tempo de me calçar.

— Eu perguntei: quais são suas opiniões políticas?

— Não sei.

O sargento prosseguiu:

— Pois saiba que existem espiãs. E essas espiãs são fuziladas. Está entendendo? Fale. A senhora não é uma cigana? Qual é sua pátria?

Seu olhar fixo revelava sua incompreensão. O sargento repetiu:

— Qual é sua pátria?

— Não sei — respondeu ela.

— Como não sabe qual é seu país?

— Ah! Meu país. Entendi.

— E então, de onde a senhora vem?

A mulher respondeu:

— Da granja de Siscoignard, na paróquia de Azé.

Dessa vez, foi o sargento que ficou surpreso. Depois de pensar por um momento, ele disse:

— De onde a senhora falou?

— Siscoignard.

— Isso não é uma pátria.

— É de onde eu venho.

E depois de um instante de reflexão, ela acrescentou:

— Eu entendo, senhor. Vocês são da França e eu da Bretanha.

— E daí?

— Não é o mesmo país.

— Mas é a mesma pátria! — gritou o sargento.

A mulher se limitou a responder:

— Eu sou de Siscoignard.

— Que seja, Siscoignard — disse o sargento. — É de lá que vem sua família?

— Sim.

— E o que ela faz?

— Morreram todos. Não tenho mais ninguém.

Falastrão, o sargento continuou o interrogatório.

— Mas todos temos parentes, com os diabos! Ou os tivemos. Quem é a senhora? Diga!

A mulher ouviu, aturdida, esse "ou os tivemos", que parecia mais o urro de um bicho que uma fala humana.

A vivandeira sentiu necessidade de intervir. Voltando a acariciar a criança que mamava, ela bateu de leve nas bochechas dos outros dois.

— Como se chama a gulosa? — perguntou ela. — É uma menina, não é?

A mãe respondeu:

— Georgette.

— E o mais velho? Pois esse espertalhão é sem dúvida um menino.

— René-Jean.

— E o caçula? Pois esse aí também é um homem. E ainda por cima é bochechudo!

— Gros-Alain — respondeu a mãe.

— Eles são bem bonitos, seus filhos — disse a vivandeira. — Comportam-se como adultos.

Então o sargento insistiu.

— Diga então, minha senhora. Vocês têm uma casa?

— Eu tinha uma.

— Onde?

— Em Azé.

— E por que então não estão em casa?

— Porque eles a incendiaram.

— Eles quem?

— Não sei. Foi uma batalha.

— De onde a senhora vem?

— De lá.

— Para onde a senhora vai?

— Não sei.

— Vamos aos fatos. Quem é a senhora?

— Não sei.

— Não sabe quem é?

— Somos gente que está fugindo.

— Qual é seu partido?

— Não sei.

— Partido dos Azuis ou dos Brancos?[1] Com qual está?

— Estou com meus filhos.

Houve uma pausa, em seguida a vivandeira disse:

— Eu não tenho filhos. Não tive tempo.

O sargento recomeçou.

— Mas e seus parentes? Ora, vamos, minha senhora, fale sobre seus pais. Eu me chamo Radoub; sou sargento, moro na rua do Cherche-Midi, meu pai e minha mãe também, posso falar de meus pais. Agora nos fale sobre os seus. Conte para nós o que eles faziam.

— Eram os Fléchards. Nada mais.

— Sim, claro, os Fléchards são os Fléchards, assim como os Radoubs são os Radoubs. Mas todos têm uma profissão. Qual era a profissão de seus pais? O que eles faziam? O que fazem? O que flechavam os seus Fléchards?

— Eram lavradores. Meu pai era inválido e não podia trabalhar, pois foi espancado com uma vara. O senhor dele, nosso senhor, mandou que o castigassem, o que foi bem generoso, pois meu pai tinha roubado um coelho e por isso foi condenado à morte; mas o senhor deu-lhe sua graça e disse: apliquem nele apenas cem chibatadas; e meu pai ficou estropiado.

— E depois?

— Meu avô era huguenote. O senhor padre o enviou aos trabalhos forçados. Eu era bem pequena.

— E depois?

1. Os Azuis eram os republicanos e os Brancos, os partidários da Monarquia.

— O pai de meu marido fazia contrabando de sal. O rei mandou prendê-lo.

— E seu marido, o que faz ele?

— Nesses últimos tempos, ele lutava.

— Por quem?

— Pelo rei.

— E depois?

— Ora, por seu senhor.

— E depois?

— Ora, pelo padre.

— Mas com todos os diabos! — gritou um granadeiro.

A mulher teve um sobressalto de pavor.

— Está vendo, minha senhora. Nós somos parisienses — disse amavelmente a vivandeira.

A mulher uniu as mãos e exclamou:

— Oh, meu Deus! Jesus, meu senhor!

— Nada de superstições — disse o sargento.

A vivandeira sentou-se ao lado da mulher e puxou o mais velho dos filhos para seu colo, sem resistência. As crianças se acalmam como se assustam, sem que se saiba o porquê. Como se algo as advertisse, no íntimo.

— Pobre criatura desta região. De qualquer maneira, a senhora tem belas crianças, isso já é alguma coisa. Posso adivinhar suas idades. O mais velho tem quatro anos, seu irmão, três. Mas olhe só essa fedelha, como é glutona! Ah! Como é feroz! Tome cuidado para não acabar devorando sua mãe! Está vendo, minha senhora, não tenha receio de nada. A senhora deveria ingressar no batalhão. E pode fazer como eu. Eu me chamo Houzarde; é uma alcunha. Mas prefiro que me chamem de Houzarde a senhorita Bicorneau, como minha mãe. Sou a cantineira, ou seja, aquela que dá de beber, enquanto os soldados se metralham e se assassinam. O bando do diabo. Nossos pés têm mais ou menos o mesmo tamanho, eu lhe darei um par de meus calçados. Eu estava em Paris em 10 de agosto. Dei de beber ao general Westermann. E foi assim que vi ser guilhotinado Luís XVI, a quem chamam de Luís Capeto.

Ele não queria. Ora veja, imagine que no dia 13 de janeiro ele assava castanhas e se divertia com sua família! Quando o forçaram a se deitar sobre o básculo, como o chamam, ele não tinha mais roupa nem calçados; vestia apenas uma camisa, um casaco manchado, uma calça em tecido cinza e meias de seda cinza. Eu vi tudo isso. O fiacre no qual o levaram estava pintado de verde. Está vendo, venha conosco, é um batalhão de bons rapazes; a senhora será a cantineira número dois; eu lhe mostrarei o trabalho. Oh! É bem simples! Com um barrilete e uma sineta, a gente avança pelo tumulto, em meio ao fogo do pelotão, a tiros de canhão, à algazarra, gritando: "Meninos, quem quer beber um pouco?" Não é mais difícil que isso. Eu dou de beber a todo mundo. Pois dou mesmo. Tanto aos Brancos quanto aos Azuis, embora eu seja Azul. E uma boa Azul. Mas dou de beber a todos. Os feridos têm muita sede. Morrem sem distinção de ideologia. As pessoas que morrem deveriam apertar as mãos. Que estupidez esta batalha! Venha conosco. Se eu for morta, a senhora me sucederá. Está vendo, tenho esta aparência; mas sou uma boa mulher e um homem de coragem. Não tenha medo.

Quando a vivandeira parou de falar, a mulher murmurou:

— Nossa vizinha se chamava Marie-Jeanne e nossa empregada se chamava Marie-Claude.

Enquanto isso, o sargento Radoub advertia o granadeiro:

— Cale a boca. Você assusta a senhora. Não se deve praguejar diante de senhoras.

— Mas é que se trata de um verdadeiro massacre para um homem honesto — retrucou o granadeiro. — Ver esses iroqueses da China que têm o sogro estropiado por seu senhor, o avô condenado aos trabalhos forçados pelo padre e o pai enforcado pelo rei, e que continuam lutando, com os diabos! E que se revoltam e se fazem esmagar pelo senhor, pelo padre e pelo rei!

O sargento gritou:

— Silêncio nas fileiras!

— Nós nos calamos, sargento — respondeu o granadeiro. — Mas, assim mesmo, é uma pena que uma mulher assim tão bonita se exponha e seja espancada pelos belos olhos de um beato.

— Granadeiro — disse o sargento. — Não estamos aqui no clube da seção de Piques. Nada de eloquência.

E, virando-se para a mulher:

— E seu marido, minha senhora? O que ele faz? O que aconteceu com ele?

— O que aconteceu? Nada. Já que o mataram.

— Onde?

— No pomar.

— Quando foi isso?

— Faz três dias.

— Quem fez isso?

— Não sei.

— Como? Não sabe quem matou seu marido?

— Não.

— Foi um Azul? Um Branco?

— Foi um tiro de fuzil.

— E faz três dias?

— Faz.

— Em que lugar aconteceu isso?

— Para os lados de Ernée. Meu marido foi morto. Pronto.

— E desde que mataram seu marido, o que a senhora tem feito?

— Carrego meus filhos.

— Mas os carrega para onde?

— Adiante.

— Onde a senhora dorme?

— No chão.

— O que a senhora come?

— Nada.

O sargento fez uma careta comum aos militares, roçando o bigode no nariz.

— Nada?

— Quero dizer, ameixas selvagens, amoras silvestres, as poucas que sobraram no bosque, grãos de mirtilos, brotos de samambaias.

— Sei. O mesmo que nada.

O filho mais velho, que parecia tudo entender, disse:

— Estou com fome.

O sargento retirou um pedaço de pão de caserna do bolso e o entregou à mãe. A mãe partiu o pão ao meio e o deu aos dois filhos. As duas crianças o morderam com avidez.

— Ela não ficou sequer com um pedaço — murmurou o sargento.

— É porque ela não está com fome — disse um soldado.

— É porque ela é mãe — acrescentou o sargento.

As crianças o interromperam.

— Água — pediu um.

— Água — repetiu o outro.

— Não há nenhum riacho neste maldito bosque? — disse o sargento.

A vivandeira pegou o copo de cobre que pendia de sua cintura, ao lado da sineta, abriu a torneira do barrilete que trazia a tiracolo, despejou algumas gotas no copo e o aproximou dos lábios das crianças.

O primeiro bebeu e fez uma careta.

O segundo bebeu e cuspiu.

— Mas ela é boa — disse a vivandeira.

— Mas isso é aguardente! — exclamou o sargento.

— É, e das melhores. Mas eles são camponeses.

Em seguida, ela enxugou o copo.

O sargento perguntou:

— Então é isso. A senhora está fugindo.

— É preciso.

— Pelos campos, ao deus-dará?

— Eu corro com todas as minhas forças, e depois ando e depois caio.

— Pobre paroquiana! — exclamou a vivandeira.

— Há batalhas por todos os lados — balbuciou a mulher. — Os tiros de fuzil vêm de todas as direções. Não compreendo o que está havendo. Mataram meu marido. É tudo o que eu sei.

O sargento bateu forte com a coronha de seu fuzil no chão e gritou:

— Que guerra estúpida! Com todos os diabos!

A mulher prosseguiu:

— A noite passada, dormimos dentro do rombo de uma árvore.

— Todos os quatro?

— Todos os quatro.

— Dormiram mesmo?

— Dormimos.

— Então dormiram em pé.

Ele se virou para os soldados:

— Camaradas, uma grande árvore oca e morta onde um homem pode se enfiar como em um espartilho, esses selvagens chamam de rombo. O que vocês queriam? Não somos obrigatoriamente todos de Paris.

— Dormir dentro de uma árvore oca! — exclamou a vivandeira. — E com três crianças!

— Ainda por cima — retomou o sargento —, quando as crianças berram, para as pessoas que passam e não veem nada, deve ser engraçado ouvir uma árvore gritando: "Papai, mamãe!"

— Felizmente, estamos no verão — suspirou a mulher.

Resignada, ela observava o solo; em seus olhos, a expressão atônita das catástrofes.

Silenciosos, os soldados se mantinham em círculo em volta daquele grupo de miseráveis.

Uma viúva, três órfãos, a fuga, o abandono, a solidão, a guerra rugindo em todos os horizontes, a fome, a sede, nenhum outro alimento senão o mato, nenhum outro teto senão o céu.

O sargento se aproximou da mulher e fixou seus olhos na criança que mamava. A menina soltou o seio, virou a cabeça devagar e, com suas lindas pupilas azuis, observou aquele rosto barbado, encrespado e fulvo inclinado sobre ela, e começou a sorrir.

O sargento se recompôs, mas foi possível ver uma lágrima espessa escorrendo por sua face e parando na ponta do bigode, como uma pérola.

Ele elevou o tom da voz.

— Camaradas, disso tudo posso concluir que o batalhão vai assumir essa paternidade. Está combinado? Vamos adotar essas três crianças.

— Viva a República! — bradaram os granadeiros.

— Está decidido — disse o sargento.

E estendeu as duas mãos sobre a mãe e seus filhos.

— Aí estão — disse ele. — Os filhos do batalhão dos Boinas Vermelhas.

A vivandeira pulou de alegria.

— Três cabeças dentro de uma boina — gritou ela.

Depois, desandou a chorar, abraçando calorosamente a pobre viúva, e lhe disse:

— Ainda bebê e já parece uma garotinha!

— Viva a República! — repetiram os soldados.

E o sargento se dirigiu à mãe:

— Venha, cidadã.[2]

2. O termo *cidadão* foi adotado a partir de setembro de 1792, data da proclamação da República.